

4. POLÍCIA E DIREITO

4.1

QUEM TEM MEDO DA PM?

A confiança na Polícia Militar do Distrito Federal e suas relações com variáveis estruturais, demográficas e a experiência com a violência*

GLÁUCIO ARY DILLON SOARES

SUMÁRIO: 1. Introdução: a violência policial e o “efeito ripple” – 2. O contexto da pesquisa: a Polícia Militar do Distrito Federal – 3. Situação de classe, gênero e confiança na polícia militar – 4. Raça e confiança na PM – 5. Análise de regressões logísticas e lineares – 6. Conclusões.

Resumo: Este artigo pretende analisar os determinantes da confiança na Polícia Militar do Distrito Federal, segundo variáveis de gênero e raça, a partir de pesquisa residencial realizada junto à população do Distrito Federal. Avaliou-se o chamado efeito “ripple”, que faz com que a população confie mais ou menos na polícia na medida em que saiba do comportamento violento da PM. Através de regressões logísticas e lineares, descreve-se que a confiança da população na Polícia Militar do Distrito Federal depende da experiência concreta, direta ou indiretamente, dos indivíduos com a violência, além da sua idade e do seu gênero.

Palavras-chave: Violência policial – Efeito Ripple – Confiança na Polícia Militar.

1. Introdução: a violência policial e o “efeito ripple”

Este estudo analisa os determinantes da confiança na polícia militar, baseado em *survey* residencial da população do Distrito Federal. A confiança nas instituições é parte indispensável do funcionamento de uma democracia. Nas democracias contemporâneas,¹ a polícia é uma das instituições com que a população tem contato freqüente e de quem depende.

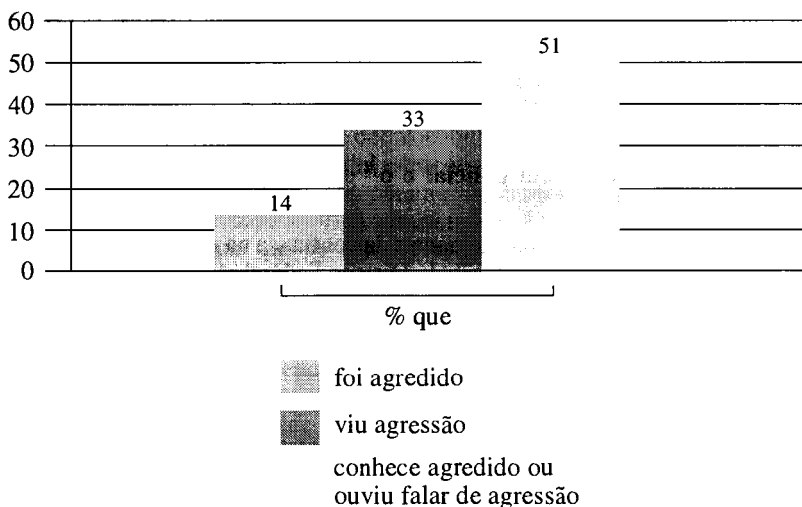
(*) Sumário de trabalho enviado para o XXIII Encontro Anual da ANPOCS, 1999, em Caxambú, Minas Gerais. Reunião especial do GT, tratando dos direitos humanos e civis, em comemoração aos 10 anos da Constituição Brasileira de 1988 e aos 50 da Declaração dos Direitos do Homem, da ONU. Revisto em dezembro de 1999.

(1) Uso “contemporânea” sem qualquer conotação valorativa ou evolucionista. Constatado que é importante, sem a pretensão de prever se será mais ou menos e sem vincular a polícia a uma sociedade ou democracia “moderna”.

O *efeito ripple*: quando atiramos uma pedra na água, ela provoca círculos na superfície, que caminham para fora daquele ponto e cujo raio é cada vez maior. Em inglês, se diz que a pedra formou “ripples” na água. As consequências da violência policial apresentam um padrão que segue a mesma lógica. Uma percentagem *relativamente* pequena da população² – 14% – sofre algum tipo de violência policial; uma percentagem maior assiste, como espectadora, a estes fenômenos – 33%; uma percentagem maior ainda – 51% – a maioria da população, ouve falar a respeito desta violência. Controlar a violência policial interessa às possíveis vítimas e é uma questão de direito e de civilidade. *Não obstante, é, também, de interesse da própria polícia*, porque até o “ouvir falar” a respeito da violência policial diminui a credibilidade da instituição. O último, a despeito do grau crescente de distância da agressão: sofrê-la, presenciá-la ou “ouvir falar ou conhecer alguém”, em *todos os níveis*, a experiência com a violência reduz as avaliações positivas da polícia militar e aumenta as negativas. Pior do que isso, ela transborda os limites da própria PM e afeta a polícia civil, a Justiça e as instituições em geral. Talvez a consequência mais nefasta da violência policial seja diminuir gravemente a confiança nas soluções legais e institucionais para os problemas da nação. É um grande estímulo à anti-cidadania.

O efeito ripple

(Distrito Federal, 1997/1998)



(2) Relativamente aos que observaram, viram, sabem de alguém ou ouviram falar. Esses níveis são inaceitáveis em sociedades industrializadas.

2. O contexto da pesquisa: a Polícia Militar do Distrito Federal

A PMDF tem, em comparação com a média das demais PM's, uma posição privilegiada: tem baixos índices de violência, uma academia de bom nível e programas de treinamento e reciclagem. Os seus salários são mais altos do que a média nacional e o nível educacional dos policiais consideravelmente mais alto. Metade da população confia nela – uma percentagem comparativamente alta, tendo em vista as demais PM's do país. Não obstante, a instituição como um todo, assim como as demais instituições policiais e judiciais, pagam um alto preço pela violência de poucos soldados e pela indiferença de muitos suboficiais e oficiais.³ A violência policial é a grande determinante da desconfiança na polícia, inclusive entre os que não foram vítimas diretas dela.

É importante salientar que, para cada pessoa que sofre uma agressão policial, várias outras mudam a sua opinião a respeito da polícia – para pior. Cada violência sofrida por uma pessoa é vista por duas a três outras pessoas, que mudam a sua opinião; para cada violência sofrida por uma pessoa, quatro outras ouvem falar dela e mudam a sua opinião. Construímos um *Índice Indireto de Violência Policial*, a partir de perguntas sobre se a pessoa entrevistada conhecia ou ouvira falar de alguém que já tinha sido agredido fisicamente pela polícia militar; se havia presenciado alguém sendo agredido fisicamente pela polícia militar e se conhecia ou ouvira falar de alguém que já tenha sido xingado, ameaçado, ofendido, humilhado etc. pela polícia militar. O impacto negativo da violência policial sobre a legitimidade da instituição é tremendo.

- A percentagem achando que a PM deve, simplesmente, *acabar*, sobe de escore em escore no *Índice Indireto de Violência Policial*: 3% no mais baixo, 5% no seguinte, seguindo-se 6%, 9%, atingindo 14% no mais alto. Esta é uma expressão de extrema insatisfação com a corporação.

- A percentagem dos que, ao contrário, desejam que a PM permaneça como está, diminui com os escores: 50%; 48%; 41%; 35%, baixando a 25% no nível mais alto. A relação é significativa no nível de <0,00000. A hostilidade e a desconfiança geradas pela violência indireta atinge, também, a Justiça Militar.

- A percentagem desejando que juízes civis julguem os militares por crimes cometidos em serviço sobe com o escore no Índice: 59%; 68%; 65%; 74% e 86%.

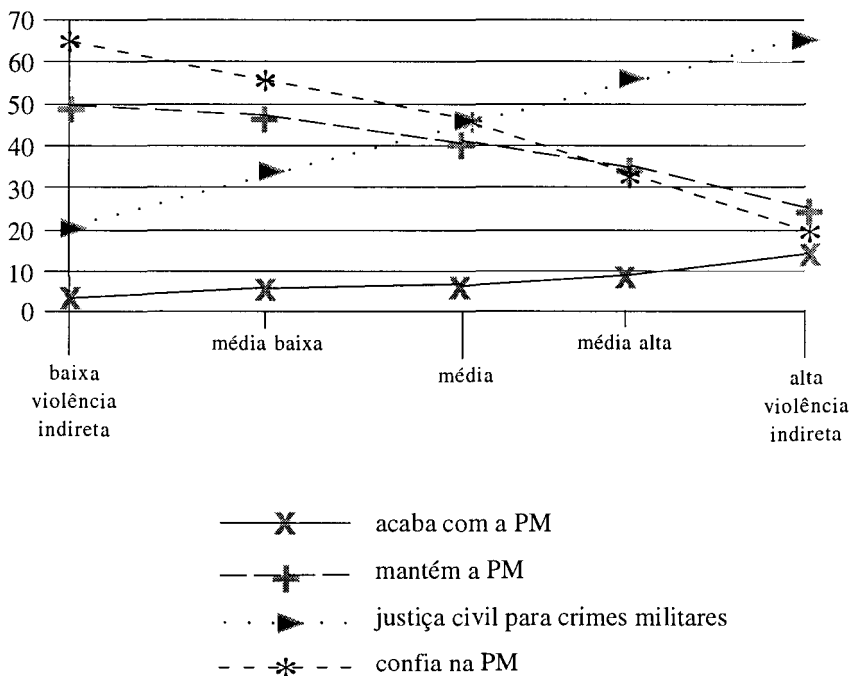
⁽³⁾ O comportamento da PM responde às orientações do Governador e do Secretário de Segurança. Num regime democrático, se espera esse comportamento. Essa resposta se observou durante a Administração de Cristovam Buarque, que implementou medidas especiais contra a violência policial. O resultado observado foi uma diminuição dramática da violência policial no Distrito Federal. A substituição dessas medidas por uma imitação caricaturesca e incompetente do programa Tolerância Zero de Nova Iorque (há muitos programas chamados de Tolerância Zero e o de Nova Iorque é apenas um deles) resultou no crescimento da violência policial.

• A confiança na polícia militar também é muito afetada: ela cai verticalmente com a experiência indireta da violência policial: 65% no nível mais baixo; seguindo-se 56%; 46% e 34%, baixando a 20% no nível mais alto. A correlação Gama, de 0,42, é significativa no nível de 0,00000.

• Um incidente que afetou seriamente a credibilidade da polícia militar foi o seqüestro ou pseudo-seqüestro da filha do hoje ex-senador Luis Estevão, que teve o seu mandato cassado, do qual participou um tenente. A crença de que havia outros oficiais da PM envolvidos no seqüestro cresce com a experiência indireta com a violência.

Assim, se individualmente a população brasileira é quem teme a violência policial, *institucionalmente* é a própria PM que deveria temer a violência de alguns dos seus soldados e suboficiais. Com a consolidação da democracia, o peso da opinião pública e da cidadania tendem a crescer, e o seu apoio à corporação depende do controle da violência policial.

Os efeitos negativos da experiência indireta com a violência policial



3. Situação de classe, gênero e confiança na polícia militar

A situação de classe (classe em si) é uma variável que, empiricamente, se relaciona com ampla gama de comportamentos humanos, em países diferentes, há muito tempo. São raras as áreas comportamentais e atitudinais que não variam com a situação de classe. Medimos a situação de classe de duas maneiras: a aparência do imóvel e a educação do informante. A educação do informante não tem relação com a confiança na polícia. A aparência do imóvel revela uma relação surpreendentemente modesta com a confiança na PM: 57% dos que vivem em habitações de luxo confiam; 52% dos que vivem em habitações confortáveis, com bom acabamento, confiam; pouco mais do que os 49% dos que vivem em habitações modestas, a mesma percentagem dos que vivem em habitações pobres. Entre os que vivem em habitações precárias, nova surpresa: 51% confiam. As correlações Gamma de 0,10 e M de 0,11 são significativas, mas pequenas.

A literatura empiricamente informada sublinha que as mulheres são um pouco mais conservadoras do que os homens em número de comportamento, inclusive o político. Daí a formulação da hipótese de que as mulheres teriam mais confiança na PM (comportamento considerado conservador). Além disto, a Teoria dos Encontros supõe que as mulheres se expõem menos a situações violentas *fora* do âmbito doméstico.⁴ Portanto, teriam menor probabilidade de terem sofrido e de terem visto eventos violentos por parte da polícia militar.

Não obstante, a relação encontrada é oposta à esperada: 46% das mulheres e 54% dos homens confiam na polícia. Controlando por experiência direta com a violência policial, a diferença entre os sexos no que concerne à confiança na PM persiste em todos os níveis, exceto no médio alto, no qual a relação se inverte. O teste exato nos diz que a relação entre sexo e confiança na PM é significativa ($\# 0,05$) em todos os níveis de experiência direta, exceto no médio alto, que é exatamente onde se encontra a inversão. As mulheres confiam *menos* na PM em todos os níveis de experiência direta com a violência policial, exceto em um.

4. Raça e confiança na PM

A relação bivariata entre raça e confiança na polícia militar é clara: 51% dos brancos, 49% dos nem brancos nem negros e 37% dos negros confiam nela. Se o valor de M não chega a entusiasmar, ele é significativo no nível de 0,03. Porém, a influência da raça sobre a confiança desaparece quando controlamos a experiência indireta com a violência policial. Em nenhum dos níveis da escala, a relação entre raça e confiança na PM é significativa no nível de 0,1. Isto nos leva a crer que a relação entre raça e confiança na PM passa pela experiência indireta com a violência policial. Os negros observam mais atos de violência, conhecem mais

⁽⁴⁾ Resultado apoiado empiricamente pelos diferenciais nas taxas de vitimização por homicídio no Brasil.

pessoas que foram vítimas e ouvem falar mais de violência policial do que os demais grupos. O fato de que a relação da raça e da confiança na PM seja mediatizada pela experiência indireta com a violência, virá a se confirmar na análise de regressão, uma vez que a raça não sobrevive a um processo de eliminação *backward* (para trás).

5. Análise de regressões logísticas e lineares

O Modelo Final, que inclui idade (agrupada); sexo; o índice de experiência direta com a violência policial e o índice de experiência indireta com a violência policial, classifica corretamente 63% dos casos. A regressão logística indica que, de acordo com a estatística de Wald, a variável mais importante é a experiência *indireta* com a violência policial, seguido pelo gênero, pela idade e, finalmente, pela experiência *direta* com a violência policial.

É muito interessante que a experiência *indireta* (ver, conhecer alguém que foi vitimado e ouvir falar) seja mais relevante do que a experiência *direta* (ter sido agredido, ofendido, xingado). Nas regressões anteriores, os indicadores de *status* sócio-econômico, ou situação de classe, educação e condição do imóvel de residência, assim como a raça, não sobreviveram à seleção.

O uso de uma regressão linear não altera substancialmente os resultados: a educação saiu na primeira passada e a raça na segunda. A correlação múltipla no Modelo Final é 0,32. O valor de F, 47,764, é significativo no nível de 0,000. Nesta regressão, a constante, a experiência *indireta* com a violência policial e o sexo são significativos no nível de 0,000; a idade é significativa no nível de 0,002 e a experiência direta com a violência policial no nível de 0,009.

Tabela I

Regressão logística

Gênero, idade e experiência direta e indireta com a violência policial,
na explicação da confiança na Polícia Militar
Distrito Federal, 1997 e 1998

Número total de casos: 2190 (não ponderado)

Número de casos usados: 2190

Número de casos rejeitados por terem dados incompletos: 456

Número de casos incluídos na análise: 1734

Recodificação da Variável Dependente

Valor Original	Valor Interno
1.00	0
2.00	1

Parâmetro	Valor	Freq	Código
(1)	1.00	706	1,000
SEXO	2.00	1028	0,000

Variável Dependente: Confia – Não Confia

-2 Log Verossimilhança 2403.8252

* Constante incluída no modelo.

Método Simples, sem exclusão

Variáveis(s) que entraram na primeira passada

Direta (experiência direta com a violência policial)

Indireta (experiência indireta com a violência policial)

Sexo (masculino/feminino)

Idade (até 29 – 30 a 39 – 40 e mais)

A estimativa terminou na terceira iteração porque a Log Verossimilhança diminuiu em menos de 0,01 por cento.

História das iterações

Iteração	Log Verossimilhança	Constante	Direta	Indireta	Sexo (1)	Idade
1	-1109.0246	-1.5143993	.13011324	.18926867	-.54896685	-.18912146
2	-1108.2299	-1.6746261	.15486995	.20663524	-.61074121	-.21001568
3	-1108.2293	-1.6796829	.15586998	.20706018	-.61224273	-.21053881

-2 Log Verossimilhança 2216.459

Ajuste 1732.307

Cox & Snell – PSEUDO R² 0,102

Nagelkerke – PSEUDO R² 0,137

	X ²	gl	Significação
Modelo	187.367	4	.0000
Bloco	187.367	4	.0000
Passada	187.367	4	.0000

Teste de Hosmer e Lemeshow

Confia = 1.00

Não Confia = 2.00

Grupo	Observado	Esperado	Observado	Esperado	Total
1	139,000	132,369	38,000	44,631	177,000
2	147,000	151,578	83,000	78,422	230,000
3	107,000	108,346	71,000	69,654	178,000
4	62,000	61,447	45,000	45,553	107,000
5	90,000	92,625	80,000	77,375	170,000
6	84,000	89,304	92,000	86,696	176,000
7	72,000	75,958	102,000	98,042	174,000
8	76,000	63,094	88,000	100,906	164,000
9	56,000	55,757	118,000	118,243	174,000
10	36,000	38,521	148,000	145,479	184,000

	X ²	gl	Significação
"Godness-of-fit" teste	7,4470	8	0,4893

Tabela classificatória para a confiança na PM

Valor de Corte é 0,50

Observado	Previsto		
	1	2	Porcentagem correta
100	573	296	65.94%
200	345	520	60.12%
Total	918	816	63.03%

Variáveis na Equação

Variável	B	E.P.	Wald	gl	Sig	R	Exp(B)
Direta	0,1559	0,0565	7,6227	1	0,0058	0,0484	1,1687
Indireta	0,2071	0,0201	105,7181	1	0,0000	0,2077	1,2301
Sexo (1)	-0,6122	0,1084	31,9103	1	0,0000	-0,1115	0,5421
Idade	-0,2105	0,0599	12,3737	1	0,0004	-0,0657	0,8101
Constante	-1,6797	0,2536	43,8521	1	0,0000		

6. Conclusões

Este resultado é surpreendente para todos os que nos acostumamos a olhar tudo a partir de uma perspectiva de classe, “aberta”, após muitas décadas de esforços dos militantes para incluir uma perspectiva de raça. A raça que, em interação com a classe, ajuda explicar uma ampla série de comportamentos humanos, tem um papel na explicação da confiança na PM. Porém, esta explicação passa pela experiência indireta com a violência policial. Controlada esta, desaparece o efeito da raça. Ou seja, no contexto particular do Distrito Federal, fim de 1997 e início de 1998, todo o efeito da raça se deve à experiência indireta com a violência policial. Hipotetizo que negros e pobres desproporcionalmente vivem em áreas com taxas mais altas de crime e violência e observam a violência policial com frequência muito maior do que brancos e pessoas com situação de classe alta e média.

A confiança na polícia militar do Distrito Federal não depende diretamente de fatores estruturais clássicos, como situação de classe e raça, mas da experiência concreta, direta e indireta, dos indivíduos com a violência, além da sua idade e do seu gênero. A situação de classe, medida pela educação, não influencia a confiança na PM, seja direta, seja indiretamente; medida pelo tipo de imóvel de residência, ela influencia pouco e a influência desaparece na análise multivariada. A violência é uma experiência frequentemente traumática, que marca a todos: os que a sofrem, os que a infligem e os que a observam. É de tal intensidade que anula os efeitos de outras condições que, normalmente, estão presentes nas “determinações” de muitas formas de comportamentos e atitudes.

Não obstante, a ênfase tradicional dos cientistas sociais latino-americanos nos fatores estruturais não é despropositada. A coleção de variáveis de poder analítico de amplo espectro, de inspiração estrutural e marxista, que foram incluídas no arsenal dos pesquisadores, é muito grande. Porém, até a orientação teórica mais profícua passa a afetar negativamente o progresso do conhecimento se for usada como substituta da indispensável pesquisa empírica e científica.

Os dados dessa pesquisa feita com a população do Distrito Federal demonstram a aplicabilidade da Teoria do Ripple: cada violência policial afeta um círculo maior de cidadãos, que a observam, e outro, ainda maior, que ouvem descrições da violência; todos eles tendem a mudar a sua opinião face a polícia militar, para pior, e também a opinião em relação à polícia civil e à Justiça.